



*CTCH – Centro de Teologia e Ciências Humanas*

*Departamento de Psicologia*

# **APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE NO TRATAMENTO DA VIOLÊNCIA COTIDIANA**

*Aluna: Mariana Ribeiro Marques<sup>1</sup>  
Orientador: Marcus André Vieira*



---

<sup>1</sup> Aluna do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1) O projeto Digaí-Maré .....</b>	<b>3</b>
<b>1.2) Primeiras coordenadas – diferenças entre psicanálise pura,         psicanálise aplicada e psicoterapias .....</b>	<b>4</b>
<b>1.3) Aplicações da psicanálise em grupos de atendimento.....</b>	<b>5</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>7</b>
<b>3.METODOLOGIA .....</b>	<b>7</b>
<b>4. CONCLUSÕES .....</b>	<b>8</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>9</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A violência sempre esteve presente na história da humanidade. Desde o Código de Hamurabi – elaborado por volta de 1700 a.C. – aos suplícios em praça pública na Europa dos séculos XVIII e XIX, vemos que o Estado é um de seus principais detentores. As práticas de dominação e exclusão realizadas nas colônias européias da América também demonstram que a violência está presente desde muito em nossa história. No entanto, sabemos que as estratégias de exercício do poder não têm sido as mesmas, sendo diversas as interpretações sobre os fenômenos sociais contemporâneos, incluindo nesse *hall* o fenômeno da violência.

Como qualquer outro fenômeno social, a violência também se faz presente como constituinte de subjetividades, deixando marcas significativas na sociedade e em seus membros. Por isso, torna-se extremamente importante entendermos como ela atua em nosso meio. Para entendermos as características contemporâneas de exercício do poder e uso da violência utilizamos dois autores: Michel Foucault, que trata da crise das chamadas sociedades disciplinares, e Gilles Deleuze, que identifica novas formas de exercício do poder, que configuram as chamadas sociedades de controle.

As sociedades disciplinares descritas por Foucault entram em crise na virada do século XIX para o século XX, quando Deleuze identifica novas formas de exercício do poder, já anunciadas por Foucault como uma tendência à desinstitucionalização dos mecanismos disciplinares. Ao invés de o poder ser exercido no interior das instituições disciplinares de confinamento, passa a atuar ao ar livre, encerrando um tipo de dominação que não mais se baseia em moldes, e sim em uma “moldagem auto-deformante”<sup>2</sup>, contínua e ilimitada, característica dos nossos dias. A generalização da violência é um dos efeitos que podem ser observados nesse contexto.

Os psicanalistas do Digai-Maré são incumbidos a tratar dos efeitos subjetivos de tais mudanças sociais, que podem se manifestar através de diversos sintomas, entre eles a angústia, o stress, o pânico e a depressão. Nossa pesquisa se realiza em parceria com o projeto *Digai-Maré*, que desde janeiro de 2005 oferece atendimento psicanalítico a grupos de crianças, adolescentes, seus familiares e professores da rede pública de ensino desta favela. Dessa forma, o trabalho de pesquisa se desenvolve levando em consideração questões que surgem na prática de atendimento (cf. o material clínico publicado em [http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai\\_produtos.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai_produtos.htm)). Através da parceria com o projeto *Digai-Maré*, pudemos recolher material de pesquisa a partir dos atendimentos no Complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

### 1.1) O projeto Digai-Maré

O *Digai-Maré* é composto por um grupo de vinte e cinco profissionais, entre eles psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, assim como estudantes de psicologia, que têm

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Editora 34, 1992. (p. 221).

<sup>3</sup> A bolsista vem participando das reuniões clínicas do projeto desde o início da vigência de sua bolsa, mas somente iniciará o seu trabalho de atendimento no Complexo de favelas da Maré, sob a supervisão do professor Marcus André Vieira, no mês de agosto deste ano.

como base teórica de sua prática a psicanálise. “O projeto atua em parceria com o *Programa de Crianças Petrobrás* da organização não governamental CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através da Vice-reitoria Comunitária e do Departamento de Psicologia, e com a EBP-Rio (Escola Brasileira de Psicanálise)”.<sup>4</sup>

O objetivo do projeto é atender os moradores da favela da Maré que se encontrem em situação de urgência subjetiva. “No caso do *Programa de Criança*, tais crises costumam estar associadas às crianças que apresentam sérios impasses aos pais e profissionais que com elas trabalham, tais como, envolvimento com práticas ilícitas, evasão escolar, dificuldade de aprendizagem e desestruturação familiar, entre outros”.<sup>5</sup> Os moradores que espontaneamente procuram ajuda também são atendidos, na medida das possibilidades do projeto.

“A principal proposta do *Digai-Maré* é o atendimento psicanalítico em grupos de crianças, de adolescentes e de adultos. A eficiência terapêutica de cada grupo é assegurada pelo interesse comum dos integrantes em falar sobre situações e dificuldades de suas vidas e realizar elaborações acerca de seus sofrimentos. Além disso, quando a equipe considera necessário, alguns casos recebem atendimentos individuais.”<sup>6</sup>

Até o momento, as ações do projeto acontecem nas localidades de Nova Holanda e Vila do Pinheiro, embora a sua área de atuação se estenda a outras localidades do Complexo de favelas da Maré, já que os moradores de qualquer local da favela podem ser atendidos nestes dois centros.

## **1.2) Primeiras coordenadas – diferenças entre psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapias**

Como já foi visto, o tema de nossa pesquisa abrange tanto o campo de estudos próprio da psicanálise como as investigações teóricas sobre a sociedade contemporânea e suas particularidades políticas e sociais. No campo psicanalítico, a primeira questão que se coloca é a da diferenciação entre psicanálise pura e psicanálise aplicada, visto que nossa pesquisa se refere à segunda delas. A psicanálise aplicada não se diferencia da psicanálise pura no que diz respeito à base conceitual utilizada, mas pode-se dizer que há uma ampliação dos conceitos utilizados, que abre novas possibilidades de intervenção clínica como tratamentos com tempo limitado e gratuitos. No entanto, é preciso ressaltar que a psicanálise aplicada também deve ser diferenciada de outros tipos de tratamento, como as terapias breves, ou outras que não tenham como referência o modelo psicanalítico.

Em psicanálise aplicada, o tratamento se dá fora do enquadre tradicional da psicanálise, embora não se distancie da psicanálise clássica no que diz respeito à sua lógica específica. Além dos elementos já citados (gratuidade e tempo limitado), o analista assume uma presença ativa – que pode ser constatada na posição face a face – e podemos pensar em outras possibilidades de intervenção como a do atendimento em grupos. É importante insistir no fato de que a psicanálise aplicada não é uma terapia com base psicanalítica, porque os critérios epistemológicos utilizados nada têm a ver com os destas terapêuticas. Lucía D’Angelo, em *Terapias breves versus efectos terapéuticos rápidos*, fala sobre as

---

<sup>4</sup> Folder de divulgação do projeto *Digai-Maré*.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Ibidem.

diferenças entre os efeitos terapêuticos rápidos na psicanálise aplicada e as terapias breves, apontando como ponto principal os conceitos de transferência e interpretação. Nas palavras de Lucía: “o instrumento terapêutico específico e essencial no marco da psicanálise, e não partilhado com a terapia breve, é a particularidade estratégica da interpretação da transferência”.<sup>7</sup>

A interpretação e a transferência são conceitos próprios da psicanálise, sendo utilizados pelas psicoterapias breves apenas como recursos táticos de uma estratégia que, diferentemente da psicanálise, tem o objetivo imediato de supressão do sintoma, que quase sempre é tomado como uma disfunção. Na psicanálise aplicada o objetivo não é o da supressão do sintoma, e sim o de reduzir o gozo implicado no mesmo.<sup>8</sup> Ao se reduzir o gozo subjacente ao sintoma, alguns efeitos se apresentam, de forma que novas possibilidades de subjetivação podem surgir para o sujeito que faz uso deste tipo de tratamento. Estes efeitos podem levá-lo a uma análise, ou não, já que muitas vezes são suficientes para que o sujeito empreenda grandes rearranjos subjetivos, criando assim modos de existência mais criativos.

### 1.3) Aplicações da psicanálise em grupos de atendimento

A partir das diferenças entre psicanálise pura e aplicada, e entre estas e as psicoterapias, podemos partir para outras discussões que direcionam nosso trabalho de pesquisa, sendo uma delas a das aplicações da psicanálise em grupos de atendimento. Sabemos que, com a psicanálise aplicada, surgem novas possibilidades de tratamento que não condizem com o enquadre tradicional da psicanálise. A aplicação da psicanálise em grupos é uma das formas possíveis de tratamento em psicanálise aplicada, por isso, há uma grande discussão em torno das particularidades desta forma de tratamento. Em nossa pesquisa, recorreremos à concepção freudiana acerca dos grupos a partir de um texto de 1921 intitulado *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*, para depois chegarmos às referências de Jacques Lacan em *A Psiquiatria inglesa e a guerra*, texto de 1946. Através de Lacan, chegamos a Wilfred Bion, psicanalista britânico que tratou neuróticos de guerra utilizando grupos de atendimento, e cujo livro *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* teve grande repercussão no campo das psicoterapias de grupo.

Mas para falarmos sobre os grupos de atendimento, também passamos por autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault, que tratam das formações grupais na esfera social, e não no âmbito clínico. A passagem das sociedades disciplinares, situadas por Foucault no período que abrange os séculos XVIII e XIX, para as sociedades de controle, identificadas por Deleuze como tendo início na virada do século XIX para o século XX, marca novas formas de agrupamento características das sociedades contemporâneas.

De Foucault, utilizamos o livro *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*, que trata das formações grupais nas sociedades disciplinares. De Deleuze, utilizamos o *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, texto de 1990 que traça a crise das

---

<sup>7</sup> D'ANGELO, Lucía. “Terapias breves versus efectos terapêuticos rápidos”. In: *Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas con Jacques Alain Miller en Barcelona*. Buenos Aires: Paidós, 2005. No original: “el instrumento terapêutico específico y esencial en el marco del psicoanálisis, y no compartido con la terapia breve, es la particularidad estratégica de la interpretación de la transferencia”. (p.36).

<sup>8</sup> D'ANGELO, Lucía. “Terapias breves versus efectos terapêuticos rápidos”. In: *Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas con Jacques Alain Miller en Barcelona*. Buenos Aires: Paidós, 2005. (p.37).

instituições disciplinares e o surgimento de novos mecanismos de exercício do poder, que integram as sociedades de controle. A caracterização das sociedades disciplinares e de controle através da formação de grupos permitiu-nos investigar as constituições subjetivas utilizando como orientação as formações grupais, para que assim pudéssemos chegar ao estudo da psicanálise aplicada em grupos de atendimento.

As subjetividades produzidas sob a égide do poder disciplinar tinham o confinamento como uma de suas principais referências, pois as diferentes instituições pelas quais o indivíduo passava em sua jornada diária atuavam como moldes subjetivos ancorados na distribuição espacial dos indivíduos em grupos. Nas sociedades de controle, vemos que o agrupamento toma novas formas, já que o poder é exercido através de um controle contínuo, o que torna dispensáveis os muros das instituições.

Em seu artigo *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*, Freud analisa dois grupos que são de grande importância para as sociedades disciplinares; trata-se da Igreja e do exército. Segundo Freud, a estrutura destes grupos somente se mantém coesa se dois fatores estiverem presentes: a ilusão de que o chefe ama a todos igualmente e a consequente formação de laços entre os componentes do grupo. Os laços que mantêm o grupo coeso têm como base o mecanismo de identificação com o líder, já estudado pela psicanálise no âmbito da constituição subjetiva individual.

Freud aponta como o principal fenômeno da psicologia de grupo a falta de liberdade dos indivíduos que o compõem. Os mecanismos de confinamento das sociedades disciplinares são exemplares da falta de liberdade enunciada por Freud, pois esta estratégia de dominação só pode obter êxito se o fenômeno descrito por Freud estiver presente e, se possível, atuante como constituinte de subjetividades, isto é, funcionando mesmo fora das barreiras institucionais. No entanto, podemos nos perguntar se as estruturas grupais analisadas por Freud são as únicas possíveis, já que os grupos que Freud analisa são típicos das sociedades disciplinares, tendo a identificação com o líder destacada como fundamental para sua coesão.

Sabemos que, nos dias de hoje, grupos como aqueles analisados por Freud não são a regra. Uma das características mais evidentes das sociedades contemporâneas se verifica na dispersão, que, na terminologia lacaniana, pode ser entendida como a falta de resposta, ou inconsistência, do Outro. Essa falta de consistência que o Outro assume indicou-nos o caminho que deveríamos percorrer em nosso trabalho clínico com grupos, pois precisávamos pensar em maneiras de intervir que não desestruturassem o que já estava formado, e, ao mesmo tempo, atuassem como novas possibilidades de singularização do indivíduo perante o grupo. Assim, importa para o nosso trabalho, compreender as novas possibilidades de formações grupais que surgem nas sociedades contemporâneas, para assim pensarmos a nossa inserção como analistas.

Em *A Psiquiatria inglesa e a guerra*, Lacan faz uma crítica à análise freudiana dos grupos, pois Freud destaca a identificação vertical dos membros do grupo para com o líder sem dar ênfase à identificação horizontal, utilizada posteriormente por Bion em seu trabalho de reabilitação com os militares. Segundo Lacan, existe no relato de Bion “o princípio de um tratamento grupal, fundamentado na experiência e na conscientização dos fatores necessários a um *bom espírito de grupo*”<sup>9</sup>. A crítica de Lacan, assim como a experiência de Bion, nos fizeram compreender que a identificação, seja com o líder ou com

---

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. “A Psiquiatria inglesa e a guerra” (1946). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

os outros membros do grupo, muitas vezes é rompida para dar lugar à singularidade do sujeito. Assim, Bion relata que alguns pacientes recebiam alta do hospital “muitas vezes quando se haviam tornado úteis”<sup>10</sup>.

Tendo como inspiração a prática de Bion, Lacan propõe o modelo do cartel. Em sua proposta original, o cartel é um pequeno grupo de trabalho que tem como objetivo a produção, tanto de saber, como de efeitos de sujeito em seus integrantes. São estes efeitos de sujeito que justificam a afirmação de Bion sobre a alta de seus pacientes, pois, ao dizer que estes se tornaram úteis, Bion ressalta os efeitos da diferenciação destes pacientes em relação ao grupo a que pertenciam. Em um grupo de atendimento, a produção de efeitos de sujeito passa a ser o nosso principal objetivo, por isso encontramos no cartel um modelo de trabalho favorável.

É nessa perspectiva que pretendemos continuar o estudo teórico e a prática com grupos, após termos percebido que muitas vezes a dissolução do grupo demonstra o esforço de seus componentes em se diferenciarem da formação grupal.

## **2. OBJETIVOS**

O principal objetivo da nossa pesquisa é, por um lado, o recolhimento de material clínico a partir dos atendimentos realizados pelo projeto *Digai-Maré*, e, por outro lado, a elaboração teórica desse material a partir de investigações a respeito das manifestações sintomáticas relacionadas à violência cotidiana, e as possibilidades de intervenção psicanalítica diante desse quadro. Os mecanismos de exercício do poder e uso da violência típicos das sociedades contemporâneas estariam relacionados às manifestações sintomáticas vinculadas à violência cotidiana? Estas manifestações sintomáticas estariam diretamente relacionadas à violência? Quais são as possibilidades de intervenção psicanalítica e escuta em nosso ambiente social, e mais especificamente na favela da Maré?

## **3. METODOLOGIA**

São realizadas reuniões quinzenais na PUC-Rio, nas quais o orientador (professor Marcus André Vieira) e os integrantes da pesquisa se encontram para elaborar trabalhos e discutir textos referentes à mesma. Após termos estudado o sintoma a partir da teoria lacaniana, passamos para os autores que tratam dos fenômenos das sociedades contemporâneas (Foucault e Deleuze), e voltamos para a psicanálise com Freud e sua concepção dos grupos em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu*, Lacan e o modelo de trabalho do cartel, e Bion com sua experiência com grupos na Segunda Guerra Mundial, para estudarmos as teorias sobre atendimentos em grupos e os efeitos terapêuticos na psicanálise aplicada.

A bolsista de Iniciação Científica e seu orientador participam das reuniões clínicas do projeto *Digai-Maré*, que acontecem quinzenalmente na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio). Nestas reuniões, os integrantes do projeto apresentam casos clínicos

---

<sup>10</sup> WILFRED, R. Bion. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

provenientes dos atendimentos no Complexo de favelas da Maré, que posteriormente são desenvolvidos em artigos científicos, alguns deles apresentados em congressos e jornadas. Em cada reunião, a bolsista elabora uma ata dos pontos discutidos que serve igualmente como material de pesquisa. Outras duas atividades estão sendo iniciadas: a primeira delas é o recolhimento dos depoimentos das pessoas que foram atendidas pelo projeto, e a segunda, a participação da bolsista nos cartéis de atendimento com a função de observar os psicanalistas em atuação e assim recolher mais material para a pesquisa.

A bolsista também participa das supervisões clínicas dirigidas por Ana Lúcia Lutterbach Holck, uma das psicanalistas que integram o projeto. Estas reuniões acontecem com uma frequência quinzenal e são realizadas de acordo com o modelo do cartel, ou seja, um grupo pequeno, contendo de quatro a cinco integrantes, mais-um, forma como é chamada a pessoa encarregada da seleção e da discussão neste grupo. Neste mês, a bolsista inicia sua prática de atendimento na favela da Maré sob a supervisão do professor Marcus André Vieira, sendo esta mais uma das atividades relacionadas à pesquisa.

#### **4. CONCLUSÕES**

Tendo como norte teórico principal a psicanálise, a pesquisa vem se desenvolvendo, tendo passado por diversos questionamentos em torno das possibilidades de intervenção psicanalítica em nossa sociedade, como é o caso da psicanálise aplicada em grupos de atendimento. Com o trabalho realizado em parceria com o projeto *Digai-Maré*, pudemos levar a psicanálise aos lugares em que ela não estava presente, como é o caso da favela. Em um ambiente marcado pela violência cotidiana, o psicanalista pode atuar por meio do dispositivo clínico com o qual trabalha, para que os cidadãos possam fazer uso do mesmo, apropriando-se dele. O material clínico recolhido é o principal instrumento de nossa pesquisa, pois é através dele que podemos aliar nossas investigações e reflexões teóricas à prática.

## 5. REFERÊNCIAS

- D'ANGELO, Lucía. “Terapias breves *versus* efectos terapêuticos rápidos”. In: *Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas con Jacques Alain Miller en Barcelona*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- DELEUZE, Gilles. “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Editora 34, 1992.
- Folder de divulgação do projeto *Digai-Maré*.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*. 3ª edição, VOZES, 1984.
- LACAN, Jacques. “A Psiquiatria inglesa e a guerra” (1946). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1921). In. *Obras psicológicas completas*, edição Standard, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- WILFRED, R. Bion. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- [http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai\\_produtos.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai_produtos.htm)